

Brasil vai sofrer com problemas do continente

José Paulo Lacerda/AE

Analistas dizem que, sem ajuste nos gastos, economia nacional será afetada por crises na AL

GUSTAVO ALVES
e MÔNICA CIARELLI

RIO – A instabilidade política dos principais países latino-americanos vai influenciar a economia brasileira, enquanto o País não ajustar seus gastos públicos, avisam analistas. Problemas díspares como as eleições na Argentina, a guerrilha na Colômbia e a crise econômica equatoriana podem afetar o volume de investimentos para o continente – e afetar o Brasil.

Uma amostra desse fenômeno ocorreu nesta semana, quando as declarações do candidato peronista à presidência da Argentina, Eduardo Duhalde, defendendo a suspensão do pagamento da dívida externa do país, abalou o mercado brasileiro e causou a alta do dólar para níveis acima de R\$ 1,80.

Até as eleições da Argentina, em outubro, essas pressões sobre o câmbio pela campanha podem se repetir, segundo o economista Fernando Ribeiro, da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex). Para Ribeiro, depois que a cotação do real passou a flutuar, o Brasil adquiriu a capacidade de poder absorver melhor os choques externos.

Ele acrescentou que o mercado financeiro pode acabar “cansando um pouco” de novas ameaças de calote da dívida por Duhalde. “O mercado ouve o boato pela primeira vez, ouve pela segunda vez, e acaba se convencendo de que é boato mesmo”, afirmou o economista.

Risco às instituições – O ex-ministro da Economia e analista-sênior da Merrill Lynch, Marcílio Marques Moreira, chama a atenção para outros fatos que podem afetar o Brasil. “As eleições no Chile e México devem causar volatilidades”, afirmou. O ex-ministro também enumerou como países em dificuldades a Colômbia,



Marcílio Marques Moreira enumera como países em dificuldades a Colômbia, a Venezuela e o Equador, “onde as instituições correm risco”

COLÔMBIA ENFRENTA FORTE RECESSÃO

bia, a Venezuela e o Equador, onde há “risco de destruição das instituições”.

Em luta contra o narcotráfico e a guerrilha, a Colômbia enfrenta forte recessão, e para

tentar mudar a expectativa sobre sua economia, chegou a anunciar nesta semana que iria receber ajuda de US\$ 3 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI) – sem que as negociações com o Fundo sequer tivessem iniciado.

No Equador, a suspensão de um aumento de preços da gasolina, após protestos violentos contra o reajuste, fez nascer o temor de que o país pode não pagar os títulos de sua dívida. Na Venezuela, o recém-eleito presidente Hugo Chávez já ameaçou com o endurecimento do regime político.

“Estamos cercados de um contorno pouco favorável”, constata Marcílio. Ele explica que o primeiro efeito desses riscos para a economia brasileira vai ocorrer nos fundos de investimentos dedicados a aplicações na América Latina – que não diferenciam a situação econômica de um país para outro – e, em seguida, no fluxo de capitais para as bolsas brasileiras, que pode ser revertido.

Argentina – “Aos olhos do investidor, a América Latina é vista como um bloco só”, explica o sócio-diretor da Arthur

Andersen no Brasil e presidente da Câmara de Comércio Norte-Americano do Rio, Rubens Branco.

O economista, ao contrário de Marcílio, viu como o problema mais grave será a rolagem da dívida argentina prevista para o ano que vem. “A Argentina está com dificuldades de produzir superávits para a rolagem”, afirmou.

O gerente da área internacional do Bozano, Simonsen, Roberto Campos Neto, explica que o mercado financeiro já assimilou que a instabilidade política nos países da América Latina pode provocar impactos negativos no setor.

Ele lembra que, há dois meses, era prevista a desvalorização de apenas 4% da cotação do peso argentino dentro de um ano, no mercado de balcão (onde as operações não são registradas em bolsa). Hoje, a previsão é de uma desvalorização de quase 12%.

O executivo do Bozano explica o reflexo desses acontecimentos para a economia brasileira é muito forte. “Como os ativos no Brasil são os de maior liquidez entre os países da América Latina no mercado internacional, sempre sofremos mais do que os outros países”, destacou.

Desta forma, os títulos brasileiros seriam os primeiros a serem vendidos por investidores para compensar prejuízos em aplicações em outros países.

Campos Neto recorda que a questão política já provocou estragos substanciais.

A declaração do então candidato à presidência da Venezuela, Hugo Chaves, em agosto, sobre uma possível moratória da dívida externa, fez com que os títulos da dívida externa do país despencassem em poucos dias. O papel, que era cotado a US\$ 0,69, caiu para US\$ 0,37, logo após a declaração. Como a ameaça não foi cumprida, o título se recuperou e hoje é negociado em torno de US\$ 0,75.

Déficit – Tanto Rubens Branco quanto Marcílio Marques Moreira concordam que o Brasil não estaria vulnerável a essas influências, se os gastos governamentais tivessem sido equilibrados e as reformas que trouxessem impe-

to ao desenvolvimento econômico tivessem sido realizadas. “Enquanto o Brasil não tiver resolvido seu problema de déficit crônico fiscal, sempre teremos esse impacto”, afirma o diretor da Arthur Andersen.

A correção do déficit e as reformas tributária e trabalhista, afirma o ex-ministro da economia, iriam diferenciar o Brasil dos outros países latino-americanos. A consequência, automaticamente, seria dar ao País a capacidade de atrair investimentos que, de outra forma, iriam para seus vizinhos.

EQUADOR PODE NÃO PAGAR SUAS DÍVIDAS